

roberto alban galeria

Rua Santa Pua 53 Ondina Cep40170.180
Salvador Bahia Brasil 55 71 3243.3982 | 3326.5633
www.robertoalbangaleria.com.br

impressão todacor

fotos raul krebs . estúdio mutante

arte pamdesign



guilherme dable | deste lugar entre meio-dia
e duas horas da tarde

capa e páginas centrais

2014 **Na ilha por vezes habitada do que somos** . diptico | *diptych*
200 x 310cm carvão e acrílica sobre tela | *charcoal and acrylic on canvas*

From this place between noon and two in the afternoon

Guilherme Bueno . Curador

There are two noteworthy scenes in the history of painting in the middle of the twentieth century: the first, widely known, is the sequence with Jackson Pollock which Hans Namuth filmed, in which the artist comments briefly on his method, “demonstrated” shortly after on canvas and glass; the second, more famous but less revealed, offers the moment when Duke Ellington meets Joan Miró at the her studio in Jan les Pins, in the south of France. It is not by chance that we make these references to reflect upon Guilherme Dable's paintings. Obviously, the sixty years that separate them correspond to the differences in location, priorities, and objectives. However, they serve as a pretext to discuss how the artist from Brazil's southern region deals with two terms clearly visible and current in his work – musicality and improvisation.

Both concepts are present, mainly, in some works Dable creates with his colleagues at Ateliê Subterrânea in the city of Porto Alegre. In these works, there is the alternation between musical composition, performance and drawing, creating a “perimeter of poetic energy”, where three forms of expression merge and feed (off) each other. The improvisation present there serves as a transplant, not of a piece of work, but rather of studio dynamics in the form of work, that is, of the process – with its maneuvers and solutions – as a poetic matter. In this, he moves from modern painting (and the aforementioned footage is the best witness) so that, much like in the cases of Pollock and Miró-Ellington, the emphasis is on correspondence, and not necessarily on where artistic means meet. But, to stick to our point, we must ask ourselves: what is and what is not in common between the Dable in the collective studio and the one we see here in his solo exhibition? This question is crucial to what we perceive in his paintings as a condensation in that field outlined by the performance on an object (the canvas). Furthermore, it questions us about the position of improvisation – if there is any – in his works. In this precise point, we notice his incisive reflection on painting.

We return, momentarily, to Pollock, in the form that French philosopher Hubert Damisch saw when analyzing his painting: *“The question of these intertwinings [he is referring to dripping technique] is not [...] a fact that painting works on: it is born from the gesture, from which it translates each turn, the slightest hesitation, the refusals. It is the accomplishment of an immediate relationship [...] A painting by Pollock is not only the result of work, a finished product that eludes its creator, but also the register of successive steps in the genesis of a work of art in which each gesture, in its own turn, materializes to modify and complete the structure”*. The logic described here is apt and, to a certain extent, enables the shift towards Dable's concerns. And in them we feel the inflection, or better yet, the adjustment, between improvisation and the articulation of a pictorial order. This can be better acknowledged by means of three factors: the malleable value of the sketch, the system of “cutting” some strokes, and the equalization of certain pliable qualities to suit a medium that is not always tolerant of them. Let us unravel each part.

Dable's sketches on canvas oscillate between an initial and a final scoring. The line that runs through the planes at one moment aim to frame an area to be painted; in another, it restricts the already painted surface. Thus, it dissipates from the mere character ascribed to the sketch, bestowing upon it the role of

Deste lugar entre meio-dia e duas horas da tarde

Guilherme Bueno . Curador

Há duas cenas marcantes da história da pintura na metade do século XX: a primeira, mais conhecida, é a sequência com Jackson Pollock filmada por Hans Namuth, na qual ele comenta rapidamente seu método de trabalho, logo a seguir “demonstrado” em uma tela e um vidro; a segunda, célebre mas menos vista, traz o encontro de Duke Ellington e Joan Miró no ateliê do último em Jan les Pins, no sul da França. Não é à toa que remetemos a tais referências para refletir sobre as pinturas de Guilherme Dable. Evidentemente, os sessenta anos que as separam corresponde as diferenças de lugar, prioridades e objetivos. Contudo, servem de pretexto para discutirmos como o artista gaúcho lida com dois termos ali visíveis e correntes em sua produção – a musicalidade e o improviso.

Os dois se apresentam principalmente em alguns trabalhos que Dable realiza com seus colegas do Ateliê Subterrânea em Porto Alegre. Neles há a alternância entre composição musical, performance e desenho, criando um “perímetro de energia poética” onde as três linguagens se fundem e se retroalimentam. O improviso ali funciona como um transplante não de uma obra, e sim de uma dinâmica do ateliê enquanto trabalho, isto é, do processo – com suas manobras e soluções – enquanto matéria poética. Nisso eles se desloca da pintura moderna (e os filmes citados testemunham melhor que ninguém) na medida em que tanto no caso de Pollock quanto de Miró / Ellington, a ênfase recaía sobre a correspondência, e não necessariamente sobre a convergência entre meios artísticos. Mas, para nos atermos ao nosso ponto, devemos nos perguntar: o que há e o que não há em comum entre o Dable do ateliê coletivo e o que vemos aqui em sua mostra individual? Esta pergunta se mostra fundamental naquilo em que percebemos suas pinturas como uma condensação num objeto (a tela) daquele campo delineado pela performance. Mais além, nos indaga sobre qual o lugar do improviso – se improviso há – em seus trabalhos. Nesse ponto justo notamos sua incisiva reflexão sobre a pintura.

Retornemos momentaneamente a Pollock, tal como o filósofo francês Hubert Damisch analisava sua pintura:

“A questão desses entrelaçamentos [ele se refere ao dripping] não é [...] um dado sobre o qual a pintura trabalha: ela nasce do gesto, do qual traduz cada um dos desvios, a menor hesitação, as recusas. É a conquista de uma relação imediata [...] Um quadro de Pollock não é apenas o resultado de um trabalho, produto acabado que escapa ao produtor, mas o registro das etapas sucessivas de gênese de uma obra em que cada gesto vem, por sua vez, modificar ou completar a estrutura¹”.

A lógica aqui descrita é oportuna e permite em certa medida ser transposta para as preocupações de Dable. E nelas sentimos a inflexão, ou melhor, ajuste, entre o improviso e a articulação de uma ordem pictórica. Isso pode ser melhor notado por três fatores: o valor maleável do desenho, o sistema de “cortes” de algumas pinceladas e a equalização de determinadas qualidades plásticas a um meio nem sempre afável a elas. Desdobremos cada uma das partes.

O desenho nas telas de Dable oscila entre uma marcação inicial e uma final. A linha que corre os planos num momento serve para cercar uma área a ser pintada; noutro, delimita a superfície já pintada. Ela se esvai assim do mero caráter projetivo atribuído ao desenho, conferindo-lhe antes um valor de eixo para

an axis with which to articulate the relationship between these planes, however, doing so by annulling an “immediate” framework with figures and background. It is a dual anti-outline, in which it does not predetermine the design of the painting, nor does it compartmentalize, definitively separating the areas, making them accept values that are in keeping with the relationship with the painting as a whole and with neighboring segments. The sketch can, as we have said, be a final score, but it does not have the finalizing intention to “conclude” the painting, to impose the “final touch”.

The system of “cutting” strokes follows the same path. The initial impression some parts may cause is one of geometry; however, the opposite seems to occur. After all, geometry is, whether we like it or not, nothing but an applied structure, a previously-determined instrument from which the artist establishes a method according to which he plans to conceptualize the space offered by the canvas. In *Dable*, lines and planes are, first of all, a search for a way to define the limit where a part settles, when it becomes separated or merges two areas, much like paintings are organized between the screen's contention and exceeding it. It would be also acceptable to understand that the coexistence between some of these drier cuts and the assimilation of paint drippings is not contradictory, considering that both bring forth the juxtaposition between a physical dimension (the materiality itself) and another view (the spatial organization of the canvas, with its scope of depth and surface) that make up the painting, without the former trying to suppress the latter.

Finally, the “friction” between certain pliable qualities and the medium chosen. This may sound strange, but it is summed up in the following challenge: to produce transparencies and opaqueness with acrylic paint. The characteristics of acrylic are not the most affable to this possibility – in fact, they tend to be more withdrawn. Acrylic requires swift execution, opposite to the slow pace of oil, which allows for a gradual accumulation or scrapings. The quick drying would not allow time to ponder decisions more slowly, but would rather demand some opaqueness. Furthermore, an inferior plane may leave a “scar” on the more external one, given the physical aspect the paint takes on. That is, *Dable* obtains a pictorial quality through fairly hostile circumstances: this quality needs to reconcile a substantial amount of intuition with a timing for paints and a mix of colors in a gesture whose improvisation is highly likely to irreparably compromise the painting. Aside from that, there is also the hearty challenge of extracting something from a certain matter that it may not seem to offer, leading us then to recognize how much a small step is capable of unleashing a repertoire of new problems for painting.

Committing to painting, even aware that it no longer ascribes a hierarchical privilege to its long-standing tradition, does not, with that, cling to high ambitions and expectations. It depends on the sensitivity, when facing supposed boundaries, to acknowledge the gateway that allows this sure-footed step – neither forward, nor backwards, nor to the side – to activate it like a language capable of telling us and making us discover its colossal strength and modern quality.

¹ DAMISCH, Hubert. *La figure et l'entrelacs. Fenêtre jaune cadmium. Paris: Seuil, 1984: 83-84.*

articular a relação entre esses planos, porém fazendo-o pela anulação de uma estrutura “imediata” de figura e fundo. Ele é um anti-contorno duplamente, naquilo em que não pré-determina o design da pintura, nem produz uma compartimentação que separa em definitivo as áreas, fazendo com que elas se permitam assumir valores conforme as relação com o todo e com segmentos vizinhos. O desenho pode, como dissemos, ser uma marcação final, mas ele não tem um sentido finalista de “concluir” a pintura, de lhe impor o “toque final”.

O sistema de “cortes” da pinceladas vai em sentido análogo. A impressão inicial que algumas partes podem suscitar é a de uma geometria, porém o contrário parece ocorrer. Afinal, a geometria é, queira-se ou não, uma estrutura senão aplicada, um instrumental previamente determinado a partir do qual o artista estabelece um método segundo o qual pretende conceituar o espaço dado da tela. Em *Dable*, as linhas e planos são antes a busca de um modo de definir até onde uma parte se assenta, quando separa ou junta duas áreas, como a pintura se organiza entre a contenção e o transbordamento da tela. Seria lícito, inclusive, perceber que não é contraditória a coexistência entre alguns desses cortes mais secos e a assimilação dos escorridos de tinta, uma vez que ambos trazem a justaposição entre uma dimensão física (a materialidade propriamente dita) e outra ótica (a organização espacial da tela, com seu jogo entre profundidade e superfície) constituintes da pintura, sem fazer a primeira tentar recalcar a segunda.

Por fim, o “atrito” entre certas qualidades plásticas e o meio que escolhem. Isto talvez soe estranho, mas se resume ao seguinte desafio: produzir transparências e veladuras com tinta acrílica. As características do acrílico não são das mais afáveis – aliás, tendem muito mais a serem arredias – a tal possibilidade. O acrílico exige execução ágil, na contramão da cadência demorada do óleo, que permite uma acumulação gradativa ou raspagens. A secagem rápida não daria margem para decisões ponderadas mais lentamente, como exigiria a obtenção de uma veladura. Ademais, um plano inferior pode deixar uma “cicatriz” naquele mais externo, dada a corporeidade adquirida pela tinta. Ou seja, *Dable* obtém uma qualidade pictórica mediante condições razoavelmente hostis: ela precisa conciliar uma substancial quantidade de intuição com um timing das tintas e misturas de cores num gesto cuja chance do improviso comprometer irremediavelmente a pintura é considerável. Afora isso, há ainda o bom desafio de obter de uma determinada matéria aquilo que ela parecia não oferecer, levando-nos então a reconhecer o quanto um discreto passo é capaz de desencadear um repertório de novos problemas para a pintura.

Comprometer-se com a pintura, mesmo sabido que ela não credita mais a sua longa tradição um privilégio hierárquico, não deixa com isso de guardar grandes ambições e expectativas. Depende da sensibilidade em reconhecer diante de supostos limites a fresta que permite esse passo – não para além, nem para trás, tampouco para o lado – certo em ativá-la como uma linguagem apta a nos dizer e fazer descobrir sua enorme potência e atualidade.





2014 **E que ali estava o mundo devolvido a uniformidade das horas**
150 x 120cm carvão e acrílica sobre tela | charcoal and acrylic on canvas





2014 **E só de manhazinha os corpos despediam-se**
150 x 120cm carvão e acrílica sobre tela | charcoal and acrylic on canvas





2014 **Entram e não neste lugar de memória**
150 x 150cm carvão e acrílica sobre tela | charcoal and acrylic on canvas





2014 **Tudo que há em ti feito de coisa inegável**
100 x 130cm carvão e acrílica sobre tela | charcoal and acrylic on canvas



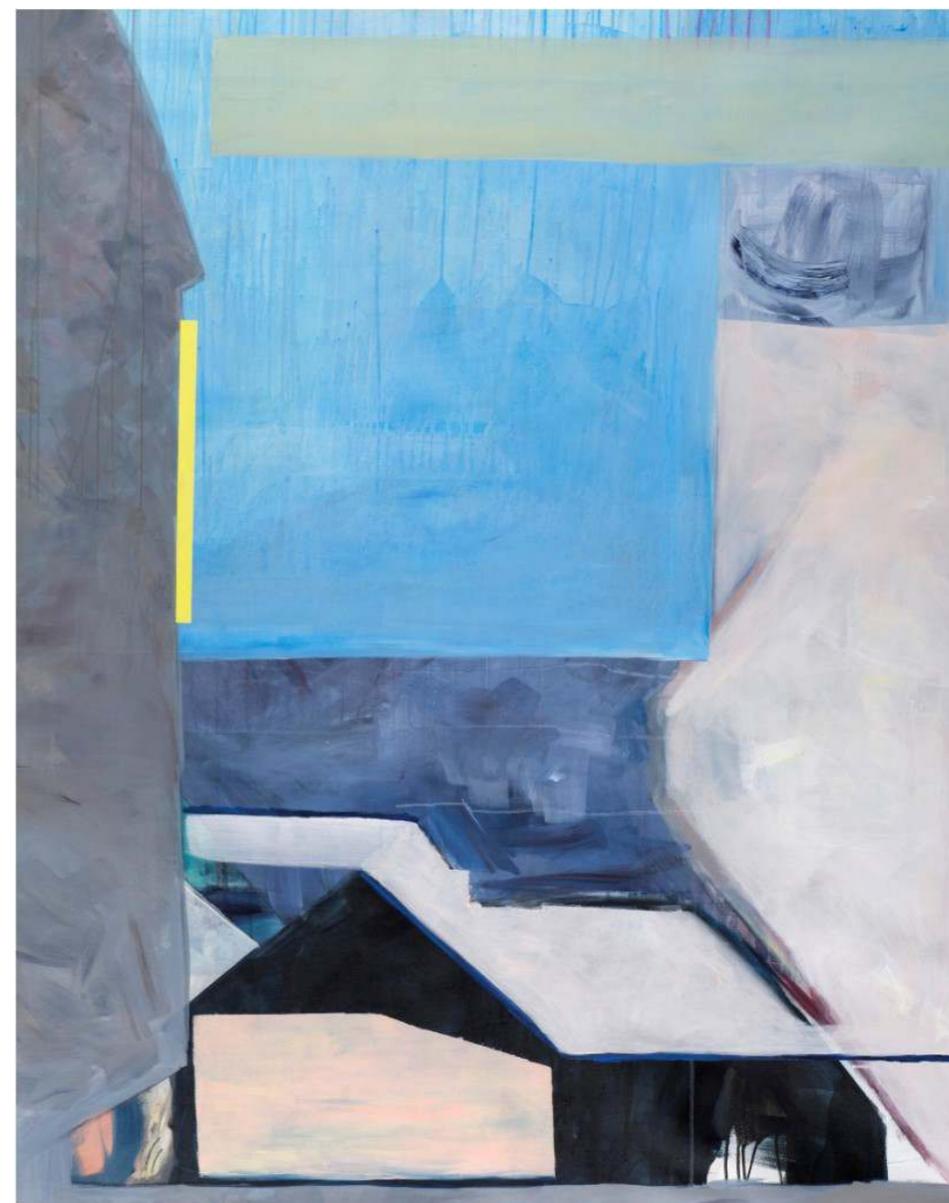


2013 **Seu testemunho, é, porém, suspeito; suas palavras, obscuras**
150 x 150cm carvão e acrílica sobre tela | *charcoal and acrylic on canvas*





2013 **A hora varrida pelo cacarejar dos galos**
150 x 120cm carvão e acrílica sobre tela | charcoal and acrylic on canvas







2013 **Um pouco mais como uma cor curvando-se**
150 x 150cm carvão e acrílica sobre tela | charcoal and acrylic on canvas



GUILHERME DABLE . Bio

Guilherme Dable

Porto Alegre, 1976.

Vive e trabalha em Porto Alegre.

Pintor e desenhista forma-se Bacharel em Artes Visuais - Desenho - pela UFRGS em 2009. Mestre em Poéticas Visuais - PPGAV/UFRGS no ano 2012. Guilherme também é co-fundador no Atelier Subterrânea.

Entre diversas exposições, participa em 2014 do “Bar for the Future”, Belmacz Gallery em Londres, “Secret Garden”, NARS Foundation em Nova Iorque, Aquisições Prêmio Marcantonio Vilaça / FUNARTE, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, além da exposição individual, “As coisas que não levam a nada são de grande importância”, na Galeria Gestual em Porto Alegre/RS. Apresentou, em 2013, individuais em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Convite à Viagem: Rumos Artes Visuais 2012 e 2013. Participa também, em 2012, das coletivas “Instâncias do Desenho”, no Parque Lage/RJ e “Alien: Manifestações do Disforme”, no MARGS/RS. No mesmo ano de 2012, integra “Novas Aquisições 2010-2012” Coleção Gilberto Chateaubriand/MAM/Rio de Janeiro e “Novas Aquisições Pinacoteca Aldo Locatelli”/Rio Grande do Sul. Em 2010, participa da exposição “Silêncios e Sussurros”, na Fundação Vera Chaves Barcellos.

Guilherme Dable, em 2007 é destaque Bolsa Iberê Camargo, 2009 prêmio, “Melhor Exposição Coletiva” - Açorianos de Artes Plásticas, em 2012 é prêmio destaque Açorianos de Artes Plásticas e Aquisições Prêmio Marcoantonio de Vilaça/FUNARTE - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro/RJ em 2014.

As Obras de Dable estão em acervos de importantes instituições e museus como: Coleção Gilberto Chateaubriand, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Fundação Vera Chaves Barcellos, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul.

GUILHERME DABLE . Bio

Guilherme Dable

Porto Alegre, 1976.

Lives and works in Porto Alegre

Painter and designer, graduated in Visual Arts – Drawing – by UFRGS in 2009. Guilherme acquired a Master's degree in Visual Poetics – PPGAV/UFRGS, in 2012. He is also co-founder of Atelier Subterrânea.

Among several exhibitions, he participated in 2014, “Bar for the Future”, Belmacz Gallery, London, “Secret Garden”, NARS Foundation, NYC. New Acquisitions Prêmio Marcantonio Vilaça / FUNARTE, Museu de Arte Moderna/Rio de Janeiro, and the solo exhibition, “As coisas que não levam a nada são de grande importância”, Galeria Gestual in Porto Alegre/RS. In 2013, solo exhibitions in São Paulo, Rio de Janeiro and Recife. He participated in Convite à Viagem: Rumos Artes Visuais 2012 / 2013. He also participated in the exhibition, in 2012, “Instâncias do Desenho”, at Parque Lage/RJ and “Alien: Manifestações do Disforme”, at MARGS/RS. In the same year, he integrated “Novas Aquisições 2010-2012” Coleção Gilberto Chateaubriand/MAM - Rio de Janeiro e “Novas Aquisições Pinacoteca Aldo Locatelli”, Rio Grande do Sul. In 2010, he participated in the exhibition “Silêncios e Sussurros”, Fundação Vera Chaves Barcellos.

Guilherme Dable, in 2007, was a highlight of the Iberê Camargo Scholarship. In 2009, he received the “Best Group Exhibition” Award - Açorianos de Artes Plásticas, and in 2012 the Açorianos de Artes Plásticas' special award.

Dable's works are part of the collections of important institutions and museums such as Gilberto Chateaubriand Collection, Museu de Arte Moderna /Rio de Janeiro, Fundação Vera, Chaves Barcellos - Porto Alegre, Câmara Municipal de Porto Alegre, Pinacoteca Aldo Locatelli - Porto Alegre, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS *SOLO EXHIBITIONS*

2014

“**As coisas que não levam a nada são de grande importância**” _ Galeria Gestual _ Porto Alegre/RS
“**Noticiário**” _ Instituto Estadual de Artes Visuais _ Porto Alegre/RS

2013

“**Latentes**” _ Sala Recife _ Recife/PE

“**Álibis, desvios e atos falhos**” _ Galeria Eduardo Fernandes _ São Paulo/SP

“**Que me visitava no tempo das imagens**” _ Galeria Coleção de Arte _ Rio de Janeiro/RJ

2012

“**Desenho em Obra**” _ Casa Paralela _ Pelotas/RS

“**Projeto Quadro Branco**” _ StudioClio Instituto de Arte e Humanismo _ Porto Alegre/RS

2009

“**Alguns Desenhos**” _ Galeria Gestual _ Porto Alegre/RS

EXPOSIÇÕES COLETIVAS *GROUP EXHIBITIONS*

2014

“**Repentista#1**” _ Gallery Nosco _ Londres, Inglaterra

“**Secret Garden**” _ NARS Foundation _ Nova Iorque/EUA

“**Bar for the Future**” _ Belmacz Gallery _ Londres/Inglaterra

“**Volúpia Construtiva: Prazer e Ordenamento em Desenho sobre Papel**” no acervo do MACRS

Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul _ Porto Alegre/RS

“**Aquisições Prêmio Marcoantonio Vilaça/FUNARTE**” _ Museu de Arte Moderna _ Rio de Janeiro/RJ

2013

“**Situações Narrativas**” _ Galeria Coleção de Arte _ Rio de Janeiro/RJ

“**Convite à Viagem: Rumos Artes Visuais**” _ Paço Imperial _ Rio de Janeiro/RJ

“**Mirante**” _ MUV Galeria _ Rio de Janeiro/RJ

2012

“**Convite à Viagem: Rumos Artes Visuais**” _ Itaú Cultural _ São Paulo/SP

“**Novas Aquisições 2010-2012**” _ Coleção Gilberto Chateaubriand/MAM _ Rio de Janeiro/RJ

“**Projeto Quadro Branco**” _ StudioClio Instituto de Arte e Humanismo _ Porto Alegre/RS

“**Instâncias do Desenho**” _ Escola de Artes Visuais do Parque Lage _ Rio de Janeiro/RJ e Galeria Logo _ São Paulo/SP

“**Alien: Manifestações do Disforme**” _ MARGS _ Porto Alegre/RS

“**Música para os Olhos**” _ Espaço Cultural ESPM

“**Novas Aquisições Pinacoteca Aldo Locatelli**” _ Paço Municipal _ Porto Alegre/RS

“**Poéticas em Paralelo**” _ MAC/RS _ Porto Alegre/RS

“**À Deriva: Rumos Artes Visuais**” _ Museu de Arte de Joinville _ Joinville/SC

2011

“**Instâncias do Desenho**” _ Casa de Cultura Mario Quintana _ Porto Alegre/RS

“**Objeto: Som**” _ Fundação Ecarta _ Porto Alegre/RS

“**[Des]equilíbrios e [Im]perfeições**” _ Galeria Coleção de Arte _ Rio de Janeiro/RJ

“**Maisimero**” _ Espaço Cultural ESPM _ Porto Alegre/RS

2010

“**Silêncios e Sussurros**” _ Fundação Vera Chaves Barcellos _ Viamão/RS”

“**Espaços Compartilhados**” _ Galeria Gestual _ Porto Alegre/RS

“**19º Salão da “Câmara Municipal de Porto Alegre**” _ Câmara Municipal _ Porto Alegre/RS

2009

“Circulando em Outras Dimensões” _ Casa Gravura Brasileira _ São Paulo/SP

“Hiperciclo” _ Galeria do DMAE _ Porto Alegre/RS

“Atelier Subterrânea em Pelotas” - Galeria do IAD/UFPEL _ Pelotas/RS

“Arte no Porto III / Eles Estão Chegando” _ Cotada/UFPEL _ Pelotas/RS

“Ateliê Subterrânea: 2009” _ Subterrânea _ Porto Alegre/RS

2008

“18º Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre” _ Câmara Municipal _ Porto Alegre/RS

“Subterrânea: atelier” _ Espaço Cultural ESPM _ Porto Alegre/RS

“Pequenos Formatos” _ Subterrânea _ Porto Alegre/RS

“Passagens Secretas” - Centro Cultural São Paulo _ São Paulo/SP

2007

“Pequenos Desenhos” _ Subterrânea _ Porto Alegre/RS

“Livros e Diários de Artista” _ Bienal B/Subterrânea _ Porto Alegre/RS

“Essa POA é Boa / Grupo Intersecções do Desenho” _ DC Navegantes _ Porto Alegre/RS

“Projeto Percursos” _ Subterrânea _ Porto Alegre/RS

2006

“17º Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre” _ Câmara Municipal _ Porto Alegre/RS

PRÊMIOS *AWARDS*

2013 _ **Prêmio Marcoantonio Vilaça/FUNARTE**

2012 _ **Exposição “Maisimerso”**: Prêmio **“Destaque em Desenho”** _ Açorianos de Artes Plásticas

2011 _ **Selecionado pelo projeto Rumos Artes Visuais 2011/2013** _ Itaú Cultural

2010 _ **Atelier Subterrânea: Prêmio “Espaço Institucional”** _ Açorianos de Artes Plásticas
19º Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre Prêmio Aquisição

2009 _ **Curadoria da exposição “Entre o Traço e o Espaço: quatro ilustradores e seus processos”** _ Espaço Cultural ESPM, Porto Alegre/RS
Prêmio “Melhor Exposição Coletiva” do Açorianos de Artes Plásticas

2008 _ **Atelier Subterrânea: Prêmio “Projeto Alternativo de Produção Plástica”** _ Açorianos de Artes Plásticas
Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre

2007 _ **Destques Bolsa Iberê Camargo**

COLEÇÕES *COLLECTIONS*

Coleção Gilberto Chateaubriand _ Museu de Arte Moderna _ Rio de Janeiro/RJ

Fundação Vera Chaves Barcellos _ Porto Alegre/RS

Câmara Municipal de Porto Alegre/RS

Pinacoteca Aldo Locatelli _ Porto Alegre/RS

Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro/RJ

MARGS _ Museu de Arte do Rio Grande do Sul